

REPORTAGEM ESPECIAL

Enchentes não devem comprometer resultados obtidos pelas companhias gaúchas na Bolsa de Valores

Roberta Mello, especial para o JC*
economia@jornaldocomercio.com.br

As recentes enchentes que atingiram o estado do Rio Grande do Sul trouxeram desafios significativos para diversas empresas gaúchas. Embora a catástrofe climática tenha apresentado adversidades operacionais, especialmente para as varejistas locais, analistas indicam que o desempenho das empresas locais listadas na bolsa não deve sofrer impacto significativo.

A presença de estruturas de governança consolidada, sua grande capacidade de financiamento e a garantia de operações diversificadas nacional e internacionalmente são fatores cruciais na mitigação de riscos locais.

Por isso, conforme a sócia da Fundamenta Investimentos, Laís Martins Fracasso, o impacto do evento climático nas varejistas gaúchas foi menor do que se poderia imaginar inicialmente. “Empresas como Renner, Quero-Quero, Graziotin, Grendene e Panvel, embora enfrentem dificuldades derivadas das condições macroeconômicas brasileiras, como a queda na confiança do consumidor e a alta do dólar que encarece importações, não viram suas operações significativamente comprometidas pelas enchentes. Isso se deve ao fato de que a maioria dessas empresas já possui uma presença nacional consolidada. Centros de distribuição e lojas afetados localmente foram compensados por outras unidades ou não têm um impacto relevante na receita total”, ressalta.

Indústrias como Gerdau, Marcopolo e Randon, que têm operações globais e estão focadas na redução de custos e melhoria da rentabilidade, conseguiram mitigar os efeitos das questões econômicas internas do Brasil. “Essas estratégias têm contribuído para melhorar as perspectivas de resultados, apesar do contexto desafiador”, diz Laís.

Negócios de outros setores, como agronegócio, representado pela SLC Agrícola, e construção civil, exemplificado pela Melnick, também devem conseguir contornar, ainda no curto prazo, o impacto nas suas operações. “A SLC Agrícola, com operações fora do estado do Rio Grande



TÂNIA MEINERZ/JC

Impactos do evento climático extremo irão variar conforme o porte e a área de atuação das empresas espalhadas por todo o território gaúcho



TÂNIA MEINERZ/JC

Petry aponta problemas como os danos causados nos maquinários

do Sul, não foi afetada pelas enchentes, enquanto a Melnick reportou que a maioria de suas obras em andamento não foi severamente impactada e está coberta por seguro.

“O mercado aguarda a men-

suração de possíveis reflexos do desafio enfrentado pelos gaúchos desde maio na divulgação dos relatórios trimestrais das companhias com operações no Estado. Porém, estamos falando de grandes companhias com capacidade para contornar esse tipo de adversidade”, define Gustavo Machado, sócio-fundador e diretor da consultoria de investimento Musa Capital. Para ele, a questão fiscal ainda é mais relevante e se impõe nacionalmente, por isso, as gaúchas não devem sair penalizadas nesse quesito no médio e longo prazo.

Infelizmente, o mesmo não deve se aplicar às pequenas e médias empresas, muito atreladas ao consumo local e sem tanta capacidade de enviar produção e estoque para outras unidades, pontuam os especialistas. Por isso, medidas de apoio à retomada do setor produtivo e que animem a retomada do consumo seguem

sendo fundamentais ao ecossistema regional.

A pesquisa do Índice de Desempenho Industrial (IDI-RS), divulgada pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs) no início de julho, aponta para queda de 11,8% na atividade industrial em maio na comparação com relação a abril, na segunda maior baixa mensal da série iniciada em 2003, muito próximo do recorde de -12% obtido em abril de 2020.

“A dimensão histórica dos resultados negativos dos Indicadores Industriais deve-se à severidade das enchentes em diversas regiões do Estado, que atingiram, total ou parcialmente, direta ou indiretamente, as operações das empresas com perdas de estoques, danos em máquinas, equipamentos e instalações, além dos impactos na logística, fornecedores e funcionários”, afirma o presidente da Fiergs,

Gilberto Porcello Petry.

Parte do resultado negativo se explica também pela base alta de abril, que havia crescido 3,5% ante março. A queda acumulada do IDI-RS em 2024 acelerou de -1,5%, até abril, para -3,7%, até maio, respectivamente, ante os primeiros quatro e cinco meses de 2023. O varejo também enfrenta dificuldades. A Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) estima perda diária de receitas na ordem de R\$ 123 milhões, acumulando um prejuízo de R\$ 3,32 bilhões no mês de maio devido às enchentes.

As consequências afetam também, até hoje, a infraestrutura e o abastecimento dos estabelecimentos comerciais, com queda abrupta de 28% no fluxo de veículos de carga nas estradas do estado, segundo dados preliminares da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT).